

TERRENO NA LUA

Itamar Suckow¹

Era uma pequena cidade.

Uma cidade bem pequena localizada numa região bem distante e com pouca acessibilidade. Não tinha aquilo que podemos chamar de importância estratégica ou econômica significativa. Mas tinha uma população responsável, imbuída da intenção do trabalho e muito dedicada a causa do progresso da cidadezinha.

Como qualquer cidade interiorana tinha lá sua estrutura urbana compatível com a arrecadação tributária. Vias públicas razoavelmente pavimentadas e/ou conservadas e outras que mais pareciam caminhos. Sistemas de iluminação, saneamento, comunicação, singelos, mas que cumpriam com sua função. Equipamentos de lazer se resumindo basicamente a pracinha central na frente da igreja e um pequeno salão paroquial para realização de algumas datas festivas. Verdade seja dita, que esporadicamente aportava ali, num terreno vago da municipalidade, algum circo mambembe ou até parque de diversões, itinerantes.

A pequena população dispunha de um pequeno Posto de Saúde para tratamentos de saúde mais simples e/ou profiláticos e a escola de nível fundamental para atendimento de crianças e pré-adolescentes. Sua fé religiosa era cultuada a partir da existência da igreja central, um pequeno templo de madeira caiada e até um local, nos arredores do centro, improvisado para reuniões ecumênicas ou atividade afim.

A economia girava em torno da existência de uma indústria extrativista de médio porte, pequenos empreendimentos do setor de serviços, profissionais liberais nos setores operacional, administrativo, educação, saúde com formação superior ou técnica e trabalhadores rurais que atuavam cultivando alimentos e criação de animais. Na média a renda *per capita* equivalia, em valores, a média de renda de habitantes de cidades maiores e mais prósperas. Portanto havia certo equilíbrio na distribuição de rendas.

¹ Professor de matemática do Colégio Estadual do Paraná E-mail itamarsuckow@seed.pr.gov.br

Era dotada de toda a estrutura administrativa como Prefeitura, Câmara de Vereadores, Delegacia e até um Conselho Municipal, com seus ocupantes legais. As questões judiciais - raras por si só - eram tratadas na Comarca.

Era uma cidadezinha bucólica com aspecto de ambiente de histórias retratadas no cinema – um equipamento de entretenimento que não existia – ou na televisão. Todos viviam bem com harmonia, fraternidade e solidariedade dedicados ao trabalho e prosperidade de seu local.

A rotina era basicamente a mesma.

Todos se deslocando para o trabalho. Todos trabalhando com dedicação e presteza. Todos retornando com segurança ao conforto de seus lares. Dia seguinte era o mesmo roteiro. Em algumas ocasiões alguma reunião social para descontração e diversão. E no outro dia a rotina imperava.

Tudo perfeito, “azeitado” e funcionando.

Num dia o velho Padre numa conversa informal com o velho Doutor, confidenciou que, sentia em indivíduos de seu “rebanho” uma certa melancolia beirando à tristeza. O velho Doutor aquiesceu e completou que já havia tido essa percepção em vários de seus pacientes. Os dois ficaram preocupados com o fato e combinaram uma conversa “informal” com o velho Prefeito. Será que ele teria algum plano que pudesse alterar aquele estado de coisas?

– Ah deixa estar! Estamos imaginando coisas.

E a vida seguia seu curso normal. Tranquila, serena, em harmonia e paz dentro de sua rotina. Todos trabalhando, vivendo, produzindo e gerando progresso para a cidade.

O velho Delegado até confidenciou ao seu escrivão que era muito tranquilo exercer sua profissão ali dada a cordialidade e responsabilidade daquele povo.

– Mas tem algo que me intriga. Não vejo sorrisos ou manifestações de alegria por parte das pessoas. Todas me respeitam, me cumprimentam, mas de forma contida. Deve ser a tal “correria” do dia a dia?

Num dia comum, como outro qualquer, aparece na cidade um indivíduo carregado com uma mala de viagem e outros pequenos estojos contendo alguns equipamentos e o que parecia ser uma armação de madeira com aspecto de prancheta. Trazia também papéis timbrados, instrumentos de medição, equipamentos de desenho e mapas.

Alguns mapas. Vários mapas. Muitos mapas!

O sujeito deixou seus pertences pessoais na pequena pensão da Dona Doroteia, localizada na frente da pequena pracinha. Atravessou a rua postou-se no centro da praça, abriu sua prancheta apoiada em três pés, que não aparentavam muita firmeza.

Após isso, retirou de dentro de um estojo, revestido com um material parecido com couro, de formato cilíndrico e com interior acondicionado com um tecido de textura aveludada, um telescópio astronômico e seus periféricos e um tripé de cerca de 1,50 metro de altura.

Abriu, fixou, nivelou, estabilizou o tripé. Acoplou o telescópio, formando um conjunto ótico. Feito isso direcionou a luneta para uma determinada região do espaço.

Logo se fez noite cobrindo a cidade. O sujeito ficou sentado no banco da praça verificando seus mapas e papéis de forma corriqueira.

Voltando da sua rotina de trabalho lá vem o “fulano” que, cumprimentando o estranho, não venceu a curiosidade e especulou sobre os equipamentos ali dispostos. O estranho, todo solícito, descreveu tecnicamente todos aqueles instrumentos convidando o fulano para fazer uso do equipamento. E já aproveitando o ensejo para explicar o que estava fazendo ali naquela agradável noite de Lua Cheia.

Discorreu brevemente sobre sua profissão de corretor de imóveis há quase duas décadas. Contou que já havia realizado inúmeras transações imobiliárias nos mais diversos locais e que como estava sempre na vanguarda de sua prática profissional empreendeu recente viagem ao “estrangeiro”.

Lá se reuniu com “autoridades internacionais” do calibre de dirigentes da ONU e diretores da NASA. Após apresentar, a eles, toda a documentação comprobatória de sua atuação profissional e de seu caráter ilibado, conseguiu com exclusividade por parte daqueles órgãos a outorga da licença para exercer o direito de empreender um projeto totalmente inédito no mundo:

– A venda de terrenos na Lua!!!

Depois de pesquisar várias partes do mundo, inúmeras regiões geográficas, locais populosos ou inóspitos, altitudes extremas ou nível do mar. Nas calotas

ou no equador, desertos ou regiões polares, eis que ele comprovou o melhor lugar para a observação da Lua. Aquela pequena cidade!

Esta cidade tinha uma posição geográfica perfeitamente estratégica. Além de uma incidência de luz artificial bem menor que cidades maiores. Possibilitava então ter uma visão fidedigna da Lua.

Isso sem falar de um povo decente merecedor de tal honraria.

Todos os documentos, que trazia, eram “timbrados” com logotipos da ONU, da NASA com referências do Congresso Americano e assinaturas de parlamentares do Congresso Nacional – pelo menos algumas.

Desculpou-se com o fulano pois teria que se recolher ao quarto da pensão haja vista ter agendado, para aquela noite, teleconferência com os “gringos” para balizamento do empreendimento.

Também havia outra tratativa. Uma incipiente conversa sobre Marte..., mas isso era para futuro remoto.

Convidou o fulano, e todos os seus indicados, para a noite seguinte. Poderia explanar então, com mais detalhes para quem ali estivesse, todo o empreendimento.

No dia seguinte o assunto se alastrou tipo pandemia.

Por volta de 19 horas desse dia, lá estavam quase duas dezenas de pessoas. Ouviram atentamente toda a apresentação e já puderam vislumbrar pelo equipamento ótico possíveis terras para aquisição. Visualizavam o terreno pela lente e identificavam o mesmo ali no mapa físico. Área, lote, quadra tudo especificado de forma totalmente “legal”. No terceiro dia até o velho Padre deu uma “passadinha”, sem compromisso, por ali.

Os negócios começam a se realizar.

Fulano tinha prioridade na escolha. Afinal foi o pioneiro! Que tal aquele com aquela cratera na frente. Menor movimento de terra – terra ou lua? – para uma piscina. “Sicrano” não tirava da mente uma casa de praia de frente para o Mar da Tranquilidade. “Beltrano” mais ousado. Que tal uma área para criar dragões – tipo aquele do São Jorge – numa região mais afastada.

As noites na praça eram efusivas. Vizinhos planejando comprar terrenos próximos um do outro. Vizinho planejando comprar terreno o mais distante possível do outro. Sentavam-se na grama e apontavam para a lua mostrando

seu novo patrimônio. Noivinho impressionando a noivinha com sua futura casa de veraneio. Avôs e Avós vislumbrando negócios para os netos usufruírem.

Nos dias seguintes mais e mais pessoas comparecendo e negociando. O velho Doutor, por via das dúvidas foi dar uma pesquisada. No dia seguinte contou para o velho Delegado. Os dois ficaram impressionados com o que estava ocorrendo. Mas concluíram que alguma coisa diferente estava se processando na cidade. Eis que o velho Padre também percebeu.

– Vamos monitorando, mas sempre alertas! Mas vocês viram aquela área naquele morro depois da cratera...?

A cidade não era mais a mesma.

Ah sim! As pessoas continuavam trabalhando, todas respeitadas, todas produzindo progresso, mas as noites eram um desenrolar de um “sonho de verão”. Todos trocando ideias sobre o futuro. Todas planejando um bem maior. Todas investindo no presente imaginando pavimentar o futuro. E, principalmente, uma felicidade por trocar expectativas com seus semelhantes. Ninguém mais se continha no pequeno mundinho da sua residência. Aquelas noites modorrentas e sem perspectivas se transformaram em momentos de planejamento, momentos de projetos futuros, momentos de reunião social, momentos de euforia e sem depressão e principalmente uma projeção num futuro muito diferente.

E foi isso que os velhos Padre, Doutor e Delegado detectaram. E de certa forma foram coniventes, mas conscientes, com o acontecimento. Afinal agora a cidade se complementava se integrando com trabalho, harmonia, lazer e felicidade.

Num certo dia, daquele período, chega uma correspondência oficial na delegacia.

Que satisfação!

Depois de décadas de um trabalho com muito profissionalismo, ilibada condição moral com justiça e conduta ética exemplar, finalmente estava liberado de seu compromisso oficial e rotineiro o velho Delegado.

Era o documento oficializando a aposentadoria do servidor público. Incontinentemente começa a encaixotar seus pertences pessoais no aguardo do sucessor.

Alguns dias depois, um rapagão de porte atlético e com uma intenção ferrenha em acabar com as injustiças do mundo se apresenta ao velho Delegado. Se identifica, apresenta toda a documentação pertinente ao cargo, e numa rápida cerimônia é empossado. Agora o velho ex- Delegado já podia pescar no riacho dos arredores da cidade e nas outras horas se dedicar ao seu passatempo preferido: Dar estilo às madeiras.

Nos dias seguintes o novo Delegado começa a percorrer as ruas para conhecer a sua nova cidade. É bem verdade que ele não se preocupou, de imediato, em ser apresentado ao velho Padre. Tinha lá suas ideias em relação à religião. Da mesma forma não conheceu o velho Pastor. Não professava da mesma religião. O velho Doutor. Ah quando precisasse manteria contato. As outras pessoas tradicionais da cidade... Seria interessante preservar sua figura de autoridade, não estimulando contatos mais comecinhos, pois algum habitante poderia ultrapassar os limites daquilo que ele considerava como manutenção da “fronteira que exigia seu cargo”.

Numa noite agradável de Lua Cheia caminhando pela praça percebeu todo aquele burburinho. Toda aquela conversa, mapas, papéis, lunetas, perscrutação da Lua, contratos e valores monetários. Aquilo lhe chamou a atenção e plantou uma sementinha de preocupação em sua mente. Se aproximou, sem se identificar postando-se como mero ouvinte.

Aquele estranho se expressava com eloquência. Utilizava uma retórica, por vezes muito rebuscada para a plateia, sobre o tema do assunto tratado. Algumas construções gramaticais não muito adequadas na organização dos argumentos. Exagero de linguagem técnica, incompreensível ao leigo no assunto, visando mais impressionar que propriamente elucidar.

Para os ouvintes, sem importância. Haja vista que eles queriam ir logo ao que lhes interessava.

A realização do negócio!

É bem verdade que nem sempre a relação fluía tão harmoniosamente assim. Certa feita alguém perguntou ao estranho como as pessoas fariam para viajar até a Lua.

Gargalhada geral!

Que sujeito ignorante! Que pergunta patética!

Não conhece as novas tecnologias. Não sabe quem é Elon Musk. Está desconectado da atualidade das viagens espaciais. Ainda tem dúvidas sobre a viagem da Apolo XI.

- Ah é? E quem filmou a chegada do Módulo Lunar, hem?

- E a bandeirinha americana tremulando, hem? Eu li tudo isso no livro “Nunca fomos à Lua”!

Mais gargalhadas. O sujeito “ignorante” - ou seria um cético – se retirou.

No dia seguinte o novo Delegado começou suas investigações. Primeiro na pensão da Dona Doroteia. Tem acesso a alguns dados pessoais do estranho. Expande suas pesquisas à Comarca em banco de dados mais completos. Utiliza-se de informações verdadeiras e robustas. Começa a desenvolver gráfico ligando pontos da linha do tempo e relações interpessoais do “corretor”. Poucos dias depois já tem seu inquérito montado com todas as informações necessárias e plausíveis e todas as peças se encaixando sem sobrar pontas que pudessem suscitar dúvidas ou levar a interpretações sofisticadas.

O grande momento!!!

Numa manhã, de surpresa, o novo Delegado de forma discreta se posiciona na porta da pensão e espera. Quando o estranho atravessa o salão da portaria e depois deixa a pensão pela porta principal, ainda na calçada, recebe a voz de prisão da autoridade constituída.

Senhores. A casa caiu!

O novo Delegado com o semblante de paladino da lei, da justiça e da ordem, (um Eliot Ness dos trópicos?) atravessa a praça central – a mesma que serviu como balcão de negócios – conduzindo aquele meliante ao lugar destinado a ele: a cadeia municipal.

A chave da fechadura, da porta da cela, estava um tanto emperrada, mas nada que uma lubrificada com óleo de máquina – que o Adolfo chaveiro providenciou - não tenha resolvido.

O novo Delegado promoveu diligências no quarto e no porão da pensão. No quarto encontrou todos os documentos com timbre falsificado, assinaturas fictícias, documentos preenchidos, contratos realizados.

No porão encontrou todos os valores: Dinheiro em cédulas, moedas, cheques, promissórias, joias de ouro, prata, pedras preciosas, anéis, brincos e até

alianças – alguns descasados também compraram. Quem sabe imaginavam se afastar, para bem longe, do (ou da) ex-cônjuge.

Na verdade, não foi bem ele que encontrou. Dona Doroteia criava, no porão, um peru, que seria o prato principal no Natal, depois de “encher a cara”. E não é que o bicho invocou com o pacote e começou a bicar? Quando o novo Delegado ingressou no porão encontrou todos os valores a “disposição”.

O estranho, pensando na possibilidade de uma redução de pena, confessou tudo auxiliando na solução do caso. Cada uma das pessoas foi convocada para uma audiência na delegacia quando foi informada do crime e seus direitos. Posteriormente todos os valores foram devolvidos aos seus respectivos donos e toda a documentação falsa foi arrestada para efeitos de composição do processo penal. Com a concordância das partes o negócio ilícito deixaria de existir.

Só restou o devido Processo Legal.

Obviamente o novo Delegado não se continha de satisfação por sua realização. Imaginava ele.

Se não fosse sua nomeação substituindo o velho Delegado aquele estado de coisas iria se perpetuar *ad eternum*. Mas graças a sua atuação firme – qualidade não peculiar ao velho Delegado – foi extirpado aquele verdadeiro câncer que acometia a ingênua população da cidade.

Finalmente ele desfilava pelas ruas e as pessoas voltavam ao seu comportamento normal vivendo, trabalhando, produzindo e com todos os seus valores financeiros restituídos. E o larápio na prisão. Mas...

Mas “pera aí”.

As pessoas desapareceram da praça. Todos se recolhem assim que concluem seu dever de ofício. Não tem mais reuniões? As pessoas têm apresentado uma certa melancolia na vida. Todos cumprimentam com respeito e reverência, mas são monossilábicos. E parecem tristes.

Os empregadores relatam um certo decréscimo de produção. Nada que possa trazer prejuízo, mas é desconfortável para o ambiente de trabalho.

Estranho!

O inquérito está sendo montado, mas ninguém apresentou denúncia? A não ser um sujeito esquisito que não acredita no homem ter pisado na Lua. Mas ele não está arrolado no processo.

Enquanto as pessoas, cabisbaixas, retiravam seus valores, na saída olhavam para a cela e se despediam do criminoso.

Que raio!! O que tem esse povo?

Além de jovem o novo Delegado era também um profissional de elevado senso ético-profissional. E apresentava capacidade de autocrítica.

Calçou as sandálias da humildade e foi ter com o velho Delegado.

– Doutor eu não entendo. Descobri, investiguei, prendi e ainda consegui que o produto da falcatura fosse todo devolvido aos seus legítimos donos. Desbaratei um golpe. Impedi que toda a população sofresse um prejuízo irreversível, e mesmo assim ao invés d'eles ficarem felizes, estão todos entristecidos, melancólicos, sorumbáticos.

– Afinal por que esse povo age assim? De forma tão ingrata? Eles aparentam ter mais empatia pelo golpista do que por mim, que os salvei da vigarice.

E o velho Delegado.

– Meu jovem, novo Delegado. Como enuncia a Filosofia: Entre o Céu e a Terra, existem mais mistérios do que nossa vã filosofia possa acreditar.

Essa comunidade sempre viveu de forma honesta, ordeira e mantendo preceitos éticos do mais alto conceito. O trabalho lhes trazia o sustento diário e a construção de seu patrimônio, proporcionando inclusive acumular um certo montante financeiro. Eles tinham segurança, tranquilidade, conforto e suas necessidades básicas estavam atendidas. Aparentemente isso poderia significar felicidade. Mas a felicidade não está atrelada exclusivamente ao “ter”, mas é uma condição do “ser”.

Penso que a comunidade tinha lá suas dúvidas se realmente existiam terrenos na lua. Inclusive as autoridades constituídas. Eles tinham a percepção de que poderiam ser enganados. Num primeiro momento até foram reticentes, mas depois aquela onda de felicidade se espalhou e contaminou até os mais chatos racionais.

Até aceitavam perder certo valor monetário para se inebriar naquela gostosa sensação de conto de fadas. A possibilidade de um futuro diferente era a poesia resgatada, esquecida ao longo da trajetória da vida.

Ah eles se agarraram àquele breve período como se fosse a eternidade e ali foram felizes.

Já disse o poeta: “Que seja eterno enquanto dure”.

É como Natal. Adultos e até crianças mais velhas sabem que não existe Papai Noel. Mas quando você vislumbra nos olhos de uma criança ingênua a alegria do encontro com o velhinho. Quando você percebe aquela emoção genuína dos pequeninos e a ansiedade pela espera do momento mágico.

Quando você vive, enxerga e sente a época do Natal mesmo aquela fortaleza racional e incrédula balança. E por frações de tempo aceita acreditar também naquele conto de fadas resgatando aquela criança que um dia já foi. Depois passa...

- Sabe novo Delegado ? Você fez a coisa certa e agiu como deveria ter agido! Eles não estão decepcionados com o senhor. Eles não estão idolatrando o criminoso. Eles estão apenas tristes, pois aquele sonho - que eles sabiam ser apenas um sonho – acabou. Eles acordaram e retomaram seu velho modo de viver.

E esse modo de vida é o que chamamos de realidade!

Por tanto viva com os pés bem plantados no chão da racionalidade, mas não se culpe, nem se frustre quando seus pensamentos lhe conduzirem à poesia. É o sal da terra?

[Mas sabe aquele negócio de Marte que ele estava falando...?](#)